

Sem luz no fim do túnel

EDGAR LISBOA

A proximidade do Natal não significou um aumento digno de nota da oferta de empregos em Brasília, ao contrário do que ocorria em outros anos. Mesmo os desempregados, que buscavam esses "bicos" temporários como forma de amenizar suas dificuldades, aceitaram a contragosto, mas com certa resignação, as muitas explicações para a situação. A recessão é evidente para todos, a incerteza em relação ao próximo ano, idem. E quem não sabe, no Distrito Federal, que o achatamento dos salários dos servidores públicos, que representam uma parcela expressiva da população local, se traduziu numa queda do poder aquisitivo médio?

O preocupante não é tanto que o fim de ano não tenha gerado um aumento da oferta de empregos. Até porque essas oportunidades, por serem temporárias, seriam meros paliativos para os atualmente desempregados. O que é mais sério e exige que se busque soluções, não apenas no âmbito do Distrito Federal, é que não há perspectiva a curto prazo de significativa redução das taxas de desemprego no país. Isso porque seria necessário criar mais de dois milhões de novos postos de trabalho anualmente apenas para acolher os jovens que ingressam no mercado.

Praticamente todo empresariado e as lideranças políticas e sindicais que têm alguma visão de conjunto do que está ocorrendo no Brasil sabem que, mesmo que aconteça um reaquecimento da economia no próximo ano, não haverá um aumento da oferta de emprego na mesma proporção. Mais que isso, se a situação continuar como está, o desemprego cresce.

Não adianta nada, não serve nem para desabafo, responsabilizar o empresariado por esse quadro, embora seja inegável que muitas empresas optam pela redução da mão-de-obra como forma de adequar sua relação entre receitas e despesas, mesmo que isso fosse

possível de outra forma ou que as demissões acabem custando caro. A verdade é que a recessão acabou escancarando uma coisa que vinha sendo mascarada de diversas formas, inclusive pelo próprio fato de a mão-de-obra ser barata no Brasil, relativamente a outros países.

A indústria brasileira, excetuando-se certos setores e empresas, vem perdendo competitividade no exterior e internamente em relação aos produtos importados, não só porque temos uma carga tributária elevada e uma infra-estrutura cara e deficiente, mas também porque nosso parque industrial está se tornando obsoleto rapidamente e porque nossa mão-de-obra — fatores entre os quais a responsabilidade individual do operário é um dos menos importantes — é pouco eficiente. Mais exatamente, cerca de 20 pontos percentuais menos que a média dos países desenvolvidos.

Não é por acaso que o País está descobrindo a produtividade. De acordo com os responsáveis pelo Programa Brasileiro de Qualidade e Produtividade (PBQP), 88,8% das empresas que o adotaram nos últimos dois anos melhoraram seu desempenho. De acordo com esta avaliação, as empresas encaram a melhoria como forma de compensar a queda nas vendas, sem transferir os ganhos, ainda que em parte, para os preços ou para os trabalhadores.

A relação entre produtividade e emprego também vem sendo acompanhada pelo IBGE, que constatou que, no ano passado e no primeiro semestre de 1992, o nível de emprego na indústria caiu mais que o da produção física. Ou seja, houve um aumento da produtividade dentro da recessão. É por isso que o nível de emprego, o reaquecimento da economia e o aumento da produtividade não estão vinculados entre si. Enquanto essas três coisas não forem compatibilizadas, o mercado real brasileiro será muito menor que o potencial.

■ Edgar Lisboa é diretor-editor do *Jornal de Brasília*